

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, AGOSTO/99 - ANO III - Nº 31

EDITORIAL

Nossa sociedade vive um momento de grandes transformações. Talvez não nos demos conta delas, mas se assistirmos aos telejornais, constatamos que a população está cada vez mais consciente de seus direitos e se mobiliza para dar um basta à violência, às drogas, à corrupção e à insensibilidade dos políticos.

Crescem as ações praticadas pelo chamado 3º Setor, constituído por organizações não governamentais (ONG's), sem fins lucrativos, que se estruturam para exercer algum tipo de colaboração ao esforço de crescimento do povo brasileiro.

Por outro lado, os governos estão conscientes de que, sozinhos, não conseguirão enfrentar os desafios que lhes são colocados. São necessárias, portanto, parcerias. O envolvimento da comunidade através das ONG's é alternativa para o crescimento sustentado do país.

Neste momento, a palavra de ordem é cidadania. É necessário que a sociedade se organize cada vez mais, que sejamos cidadãos, na íntegra, pois a não participação no dia-a-dia da cidade contribui para o aumento dos desgovernos, dos vazios administrativos e da falta de perspectiva do desenvolvimento do município. Quando pensamos no crescimento de Piquete, no próximo século, temos que pensar que ele deverá acontecer nos diferentes níveis – saúde, economia, assistência social, educação e cultura –, respeitando o meio ambiente e proporcionando qualidade de vida e desenvolvimento humano. O homem é o começo e o fim de todo trabalho social.

Se pretendemos construir uma cidade mais humana e fraterna, é preciso que arregacemos as mangas e comecemos a trabalhar. As transformações desejadas começam com o envolvimento individual. Uma nova ordem social e política é, portanto, alcançada com união e trabalho de todos, na busca de objetivos comuns. Por outro lado, se cruzarmos os braços e ficarmos “deitados eternamente em berço esplêndido”, esperando que as transformações sociais esperadas ocorram, não estaremos contribuindo para o desenvolvimento e o aprimoramento de nossa sociedade.

Só cresceremos com a união de todos. Mais do que nunca, através da mobilização popular, saberemos cobrar dos homens públicos política de resultados que contemple toda a população. Através de parcerias e da participação consciente da população nas discussões políticas alcançaremos a plenitude democrática e o aprimoramento social.

Através das ONG's, o cidadão consciente poderá ocupar os diferentes espaços existentes e trabalhar por uma causa social. Os espaços existem. Cabe a cada um a responsabilidade de descobri-los e ocupá-los.



No mês do folclore, o resgate da tradição tropeirista, em Piquete.

Sessão da Câmara: um dia especial

A sessão da Câmara do dia 6-08-99 foi muito concorrida: em pauta a municipalização do ensino em nossa cidade. É evidente que as pessoas que foram até lá tinham interesses comuns e mobilizaram-se para defendê-los. A tensão e o nervosismo estavam estampados nos olhos dos presentes. Havia perguntas no ar. Quem votaria contra e a favor? Contra e a favor de quem?

Sabemos que uma das funções dos vereadores é a da defesa dos interesses da comunidade. No caso específico, como não houve debates, discussões e estudos prévios para se identificar o verdadeiro interesse da sociedade, não havia alternativas senão atender aquela parte da sociedade ali representada.

Por três horas seguiu-se um exaustivo “ritual” de leituras, embora os vereadores se desculpassem informando ser de “praxe”.

Exaltaremos alguns aspectos positivos da sessão daquela noite: a capacidade de mobilização e pressão daqueles profissionais da educação que lá estiveram, a constatação da capacidade das pessoas em perceber o desenvolvimento do jogo de interesses e a tática usada pelos vereadores.

O importante é que as pessoas perceberam que a participação e o envolvimento das comunidades no processo de decisão das políticas públicas são fundamentais para o bem-estar geral.

Passando tudo pela peneira, o que ficou foi um aprendizado muito importante: “Quando há união de interesses e as pessoas lutam juntas, o resultado é a vitória”. Diante disto, podemos ter certeza de que outros assuntos, se encaminhados da mesma forma, poderão ser solucionados: a questão da saúde, do meio ambiente, da cultura, do esporte e do lazer, do combate ao uso das drogas e até do desemprego. O que ainda não foi percebido por grande parte de nossa comunidade é que essas questões também devem ser tratadas com a urgência necessária.

Agora é o momento de se analisar com cuidado a quem entregaremos a Câmara Municipal e a Prefeitura. Quem merecer certamente obterá a aprovação da população consciente, que, aliás, é a que forma a opinião pública e tem a responsabilidade de abrir os olhos daqueles que ainda não conseguem perceber a importância de nossas representações.

Passamos por momentos extremamente difíceis e para superar os contratempos cíclicos da história, a solução virá de nós mesmos. Isto só acontecerá através do trabalho árduo de políticos sérios, competentes, responsáveis e comprometidos com as questões sociais e aliados às comunidades, que deverão ser criativas, atuantes e, acima de tudo, com alto grau de consciência. É o exercício da cidadania de que temos falado em nosso informativo.

Nossa cidade possui expressivo número de pessoas sérias, preparadas e comprometidas com trabalhos voluntários, voltadas ao bem-estar da comunidade. O que falta é organizar ação conjunta e isto certamente trará resultados espantosos: a criação de uma força de pressão sem precedentes em nossa história, livrando-nos, por meios pacíficos e inteligentes, de pessoas que só pensam em si e de problemas que só poderão ser resolvidos com esforço coletivo. Daí precisarmos alertar aos nossos líderes comunitários que eles têm responsabilidades na condução do destino de nossa cidade. Precisam ser atuantes em todos os aspectos da vida de seus liderados. E quem são esses líderes, onde estão? Estão atuando em todas as nossas instituições e até desvinculados de qualquer organização, mas que interferem efetivamente na comunidade em função do trabalho individual que desempenham ou por sua conduta, conhecimento e equilíbrio são admirados e respeitados no seu grupo de convivência.

Imagem - Memória

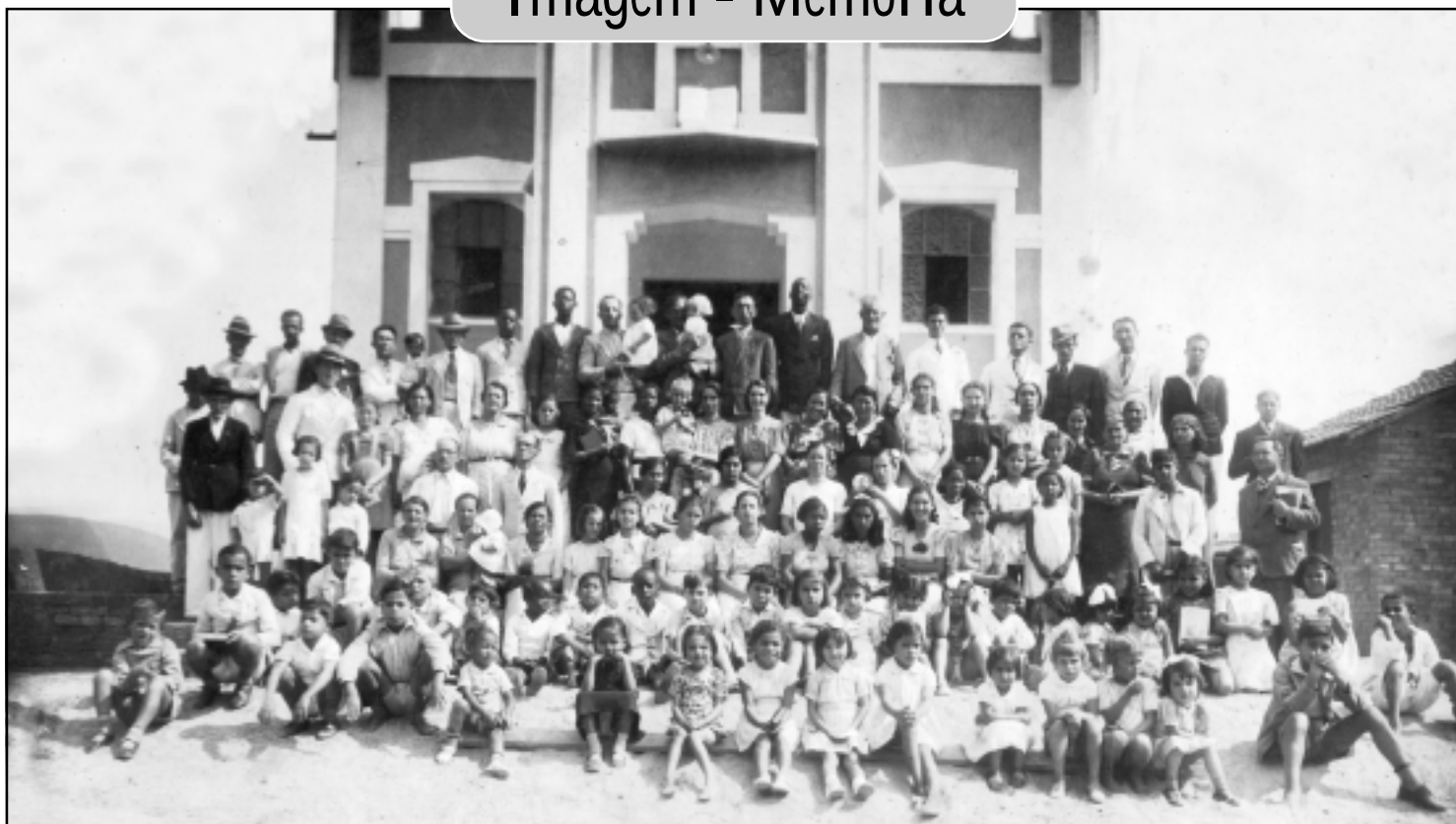


Foto arquivo Pro-Memória

Comunidade Metodista de Piquete, em frente à Igreja da Rua Cel. Luiz Relvas.

Os Metodistas em Piquete

A construção da Fábrica de Pólvoras sem Fumaça, em Piquete, no início deste século, atraiu grande número de operários para suas obras.

Havia, entre eles, muitos evangélicos, de diferentes denominações – presbiterianos, batistas, metodistas que, por não haver nenhum templo, passaram a se reunir, para suas orações, na casa de um ou de outro.

Em julho de 1929, os evangélicos reuniram-se em uma assembléia e, por influência do Sr. Misael de Carvalho, filho de pastor metodista, escolheram a congregação Metodista para denominar a que estava sendo organizada.

No dia 29 de agosto de 1929, chegou a Piquete o reverendo Antônio Martins, da Paróquia Metodista de Taubaté, que realizou os ofícios pastorais e oficializou a escola dominical. Organizou a diretoria da Congregação, que seria administrada pela Escola Dominical Metodista de Piquete. Foi eleita a seguinte diretoria: Superintendente: Antônio Emydio; Secretário: Misael de Carvalho; Tesoureira: Maria do Carmo Emydio; Dirigente de Cultos: Manoel Gomes.

Para as atividades de culto e Escola Dominical, subalugaram, de Jorge Marques, metodista, um salão da casa nº 6, sua residência, à Rua Comendador Custódio Vieira. A congregação permaneceu nesse local, desenvolvendo suas atividades, até dezembro de 1933. Nesse período, triplicou o número de seus membros: um dos fatores que contribuiu para esse crescimento foi o fato de que a Igreja Católica não tinha, por essa época, Casa Paroquial e padre residente no município, o que só ocorreu em 1934, com a chegada do padre João Guimarães.

Em 1934, sob o pastorado do reverendo James L. Kennedy, a congregação passou à categoria de Igreja. Nessa época, organizou-se a Sociedade Metodista de Crianças e a Sociedade Metodista de Senhoras. Nesse mesmo ano, o Bispo César Dacorso Filho, primeiro bispo brasileiro da Igreja Metodista do Brasil, visitou a nova Igreja, recebendo,

por profissão de fé, dez membros.

O local não mais comportava o número de fiéis. A comunidade passou a discutir a construção de um templo.

Ainda no pastorado do reverendo James L. Kennedy, a Igreja foi elevada à categoria de Paróquia.

Em 15-06-1935, o reverendo Kennedy organizou a primeira comissão para a construção de uma igreja e adquiriu um imóvel situado à rua Major Carlos Ribeiro, nº 7, de propriedade do prof. José Ribeiro da Silva.

Em 1936, o reverendo Vicente Pacitti foi nomeado o primeiro pároco para a Paróquia de Piquete. A partir de 12 de março desse mesmo ano, a Igreja passou a funcionar na nova propriedade, que passou a ser conhecida pelos fiéis como “Casa de Oração”. Ainda em 1936, os metodistas receberam a doação de um terreno situado na Vila Esperança, do Sr. José Monteiro de Brito Júnior. No ano seguinte, o reverendo Pacitti tomou conhecimento de dois lotes situados à rua Cel. Luiz Relvas, s/n, de propriedade do Sr. José M. Brito Júnior, que os colocou à venda por 1.200\$000 (Um conto e duzentos mil réis). Foi feita uma proposta de compra, em que o terreno recebido por doação foi devolvido ao antigo proprietário, como pagamento de um dos lotes, e a comunidade pagou o outro. Juca Brito aceitou a forma de pagamento e ainda auxiliou na elaboração da escritura e no pagamento da mão-de-obra e material de construção.

Em 1938, foi nomeado para a Paróquia de Piquete o reverendo Jared Soares que, com toda a comunidade metodista, se empenhou na construção do templo. O início das obras aconteceu em 1º de junho de 1938.

Foi grande o empenho de toda a comunidade. No final de 1938, o reverendo Jared, no relatório pastoral, afirmava: “... A construção deste templo tem uma história interessante e gloriosa. Trabalhando materialmente, a Igreja nem por isso perdeu

a espiritualidade. Há cultos todas as noites, em diversos pontos.”

Apesar dos esforços, não conseguiram inaugurá-la em agosto de 1939, como era desejado, data do 10º aniversário de sua fundação.

Em 1940, teve início a fase de acabamento. A Sociedade Metodista de Senhoras nomeou uma comissão composta por Geralda F. Oliveira, Maria Rita Corrêa e Irene Corrêa de Castro, para falar com o Gen. Gomes Carneiro, diretor da Fábrica, sobre o término das obras, que tiveram início de imediato.

Em “condições mínimas de acabamento”, foi inaugurada, no dia 25 de agosto de 1940, a Igreja Metodista do Brasil de Piquete, transferindo-se, definitivamente, da “Casa de Oração” para o templo à rua Cel. Luiz Relvas.

Nestes 70 anos de história dos Metodistas em Piquete, fica-nos o exemplo de tenacidade de seus membros que, apesar de numericamente poucos, sempre foram grandes em suas ações norteadas pela fé em Cristo.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 97

Diretor Geral:

José Palmyro Masiero

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Neto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (012) 556-1192 / 556-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. R. Ramos

Tiragem: 1.000 exemplares

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

GENTE DA CIDADE

Seu “Durvalzinho”

O esporte e a música sempre fizeram parte do seu universo. Foi campeão estreleiro em 1948, como gosta orgulhosamente de contar. A paixão pelo futebol vem da infância, pois nasceu numa casa localizada em frente ao antigo campo da Piquetense, em 13-12-1925. Foi lá que se iniciou na prática do futebol. Suas lembranças da infância são povoadas de muitas “peladas” com os meninos da redondeza – Orlando Siriri, Oscar Soares, os irmãos Nelito, Zezé e Roberto Alves, Hugo Coelho e outros.

O Poço Fundo, que na época era realmente fundo – o rio, segundo ele, tinha o dobro do volume d’água –, era procurado pela gurizada para banho, após os jogos. Em suas margens, armados de paus e pedras, acompanhados por fiéis vira-latas de estimação, saíam à caça de preás. O “Corpo Seco” que, diziam, assombrava e protegia a mata do Seu Heitor Vilela, não os amedrontava. O prêmio pela coragem com que entravam no seu interior eram cachos de brejaúvas que traziam para casa.

As quermesses, as procissões de São Miguel, as missas solenes, a Euterpe no coreto da praça Leonor Guimarães povoam suas lembranças.

No Sábado Santo, ele e os amigos do Piquete antigo, liderados pelo “Dito Charuto”, formavam um “bando” e enfrentavam a turma da Vila São José, na disputa pelos melhores estabelecimentos, para “tirar a aleluia”. O local dos encontros e embates era em frente ao Grupo Escolar. O Zé do Bar; as vendas do Seu Alípio, do Castro, do Serafim Machado eram as mais concorridas. Após as refregas, entre mortos e feridos, salvavam-se todos.

Freqüentou o Grupo Escolar do Piquete, à rua Cel. Luiz Relvas. Os professores, o castigo no porão do antigo Grupo, sob olhares atentos do Seu Arlindo de Moura, as tardes no Cine Glória, onde vendia pipoca, e asostas com chuchus que lhe rendiam uns trocados, a frustração por não ter ido, na última hora, para São Paulo, na Revolução de 32 – perdeu a oportunidade de conhecer a capital, pois sua mãe optou por se refugiar no Ronco –, são pitorescas recordações.

Sua religiosidade e fé são exemplares. Católico praticante, freqüentou o catecismo paroquial com a Profa. Leonor Guimarães.



Recorda-se de que em certa ocasião houve um roubo na matriz. Violaram o sacrário. Comoção geral da comunidade. Foi coroinha dos padres João Guimarães e Osvaldo Bindão. Foi um dos fundadores da Confraria Vicentina São Luiz Gonzaga. Mensalmente, recebe de amigos o “quilo”, com o qual ajuda os Vicentinos.

Fez parte da 1ª turma da Escola Industrial, período de grandes lembranças dos Mestres Laércio Azevedo, Lutgardes de Oliveira, Wili Vieth, Fauri, Léo e outros. Formou-se mecânico torneiro de precisão. Ainda na Escola Industrial, com o Prof. Laércio aprendeu música, que já praticava desde tenra idade, tocando na Banda da Escola, dos Ex-alunos e, mais tarde, da Corporação Musical Piquetense.

Bom de papo, nosso homenageado, o piquetense Sr. Durval Silva, filho do Sr. Boaventura da Silva e D. Maria José da Costa, teve duas irmãs. Casou-se, em 1955, com D. Adir Goes da Silva. Tiveram quatro filhos, que lhes deram cinco netos. Quem quiser desfrutar de agradável bate-papo e conhecer um pouco do Esporte Clube Estrela e da nossa extinta Corporação Musical é só procurá-lo na Rua Cel. Pederneiras.

EDITAL

**Circunscrição Eleitoral de São Paulo
337ª ZE - PIQUETE**

Av. Cel. Gomes Carneiro, s/nº - Fone: 556-2170

A Excelentíssima Senhora Dra. Katia Margarido Barroso, MMa. Juíza Eleitoral da 337ª ZE/SP, no uso de suas atribuições legais, TORNA PÚBLICA a todos quantos o presente Edital virem ou dele tiverem ciência, relação de eleitores que deixaram de votar em três eleições consecutivas, que ficará disponível em Cartório, para conhecimento dos interessados que, por força do disposto nos artigos 7º, § 3º, e 71, V, do Código Eleitoral, deverão ter as respectivas inscrições canceladas.

Pelo presente, ficam os referidos eleitores cientificados de que o não comparecimento ao Cartório Eleitoral, para comprovação do exercício do voto, do pagamento da(s) multa(s) correspondente(s) ou de justificação de ausência, no prazo de 60 (sessenta) dias, a contar do dia 06-08-99, implicará o cancelamento automático das mesmas, nos termos dos §§ 4º e 5º do artigo 78 da Resolução TSE nº 20.132, de 19-03-98, com a redação dada pela Resolução TSE nº 20.442, de 20-05-99.

E para que se lhe dê ampla divulgação, inclusive nos meios de comunicação existentes nas localidades abrangidas pela Zona Eleitoral, determinou o Excelentíssimo Senhor Juiz Eleitoral fosse afixado o presente Edital no local de costume.

Dado e passado nesta cidade de Piquete/SP, aos seis (6) dias do mês de agosto (08) do ano de mil novecentos e noventa e nove (1999). Alenilda Almeida Mendes, Escrivã Eleitoral, preparou e conferiu o presente Edital, que foi subscrito pelo MM. Juiz Eleitoral, Dra. Katia Margarido Barroso.

R.B.M.A.

Reservas de Biosfera de Mata Atlântica são áreas especialmente protegidas, reconhecidas pela UNESCO. Abrangem uma área de 29 milhões de hectares, em quatorze estados brasileiros. Administradas por um Conselho Nacional, com representantes de diversas áreas, essas RBMA's tentam manter vivas o que resta de nossa Mata Atlântica. Piquete está intimamente ligado a esse trabalho, pois é parte integrante dele. A cidade está dentro de uma zona núcleo e de amortecimento. Sua área urbana abrange a chamada “Zona de Transição”.

As prioridades das RBMA's são: a divulgação dos princípios da conservação da biodiversidade e do desenvolvimento sustentável; a implantação, em campo, de “Áreas Piloto” de caráter experimental e demonstrativo; a promoção da participação e de parcerias na gestão da Reserva; a implementação de redes permanentes de comunicação e intercâmbio; a integração com Programas Nacionais, articulando assistência técnica e financeira e a colaboração no aprimoramento da legislação e de políticas na área da Mata Atlântica.

Viver nessas áreas exige educação, respeito, sensibilidade e, acima de tudo, amor à vida.

Luiz Flávio Rodrigues

Banda da Escola Industrial. Ao centro, o Prof. Laércio Azevedo. Foto de 1944.



Foto arquivo Pro-Memória

CARTA DE CAMINHOS

12 - A 18ª Festa dos Tropeiros

A importante liderança do Sr. Ademir Laureano de Souza permitiu-nos comemorar, entre 3 e 11 de julho, nossa 18ª Festa dos Tropeiros, em Piquete. O ponto alto foi alcançado dia 10, no desfile das tropas de mulas, devidamente equipadas nos apetrechos de trabalho e conduzidas por seus mestres, humanos e animais. As soberbas madrinhas tilintavam, à frente, os cincerros, solenes e compenetradas de seus papéis. Ostentavam adornos nas cabeças, encaixados entre as orelhas e a testa, e particularmente uma delas levava uma estrela raiada feita de metal.

Os ornamentos brilhavam ao sol e tornavam mulas e jegues realmente atores de um espetáculo inesquecível. Junto às mulinhas, as belas bruacas, canastras de vários tipos, marchetadas em metal, feitas de couro, os jacás, as mantas de pêlo e couro, as baetas, os peitoris de correntes metálicas e de couros nobres, os arreamentos e as selas. A delicadeza dos entalhes no couro e nos metais concedia às tropas apresentadas um requinte digno de admiração. Tudo bem distribuído quanto aos elementos do uso da cozinha tropeira: canecas, cantis, facões e elementos necessários no dia a dia do movimento e das providências necessárias nos pousos, para os quais os mantimentos eram levados na suficiente previsão e provisão. Bem distribuídas nos lombos dos animais seguiam as cargas indicando o valor dos usos. Os tropeiros distinguiram-se no vestuário apropriado, caprichado nas roupas, chapéus e botas, além das esporas e dos estribos junto às selas dos jumentos bem ajazezados.

Veteranos e jovens se apresentaram com galhardia, nos rostos a marca das experiências cultivadas aos sóis, aos ventos e às chuvas.

Os animais eram de vários tipos, dos malhados aos de cor única: escuros, castanhos ou ruços.

Impressivos os olhos das mulas a mostrar doçura, submissão, mas também autoridade. Sabem o que valem e para que servem. Mantêm, nos olhos, diálogos com seus condutores, sentem no pelame as mãos dos donos e somente a esses obedecem.

Percebe-se entre eles uma troca inefável. É importante entender a linguagem dos animais e o conseguem somente os que com eles convivem, trocam experiências, trabalho e respeito.

Abrindo o desfile, os carros de boi mostravam, na força dos animais e no controle dos condutores, a utilidade do veículo, suas dificuldades e importância. Quanto transporte de cargas pesadas, quantos campos arados e preparados para a faina! Um símbolo vital de energia canalizada e produtiva.

Esse desfile, já histórico, de homens e animais, recuperou para nós, a prova de lutas de nossos antepassados num trabalho artesanal de menor mecanização, mas eficiente, que permitiu a construção de nosso município na continuidade dos processos de atividade. Transporte não mecanizado e não poluidor; pelo contrário, altamente frutificante, pois dos animais nada se perde. A simbiose está presente em todos os seres, objetos, derivados e princípios ativos. Evidenciamos esta verdade na presença dos desfilantes.

Os mais velhos, os jovens e até as

crianças, executando os seus afazeres, apelando, estimulando e corrigindo os animais, mostravam-nos como a aprendizagem se faz nas gerações, de pai para filho, de avô para neto e de todos entre si. A camaradagem, as relações cerimoniais próprias, o compadrio solidarizam e solidificam os nós da trama das relações, nas festas e no labor cotidiano. Um pequeno incidente, e já muitos acorrem na ajuda; nos deslizos de ação as críticas são simpáticas, mais estimulantes do que desencorajadoras. Também um rancho de pouso de tropeiros foi montado em exposição no recinto de eventos municipais, com amostragem de equipamentos, utensílios e objetos de uso comum nas tropas, além de painéis com reprodução de imagens ligadas ao movimento.

Uma trempe colocada ao lado da barraca mantinha aceso o fogo para a chaleira do café e invocava o descanso e a conversa descontraída das vivências e dos “causos”. O Sr. Ademir recepcionava os convidados, com muito empenho, dando-lhes as explicações solicitadas. À noite, um conjunto de músicos completava o quadro, tocando sanfona, pandeiro e caixa, modulados pelo canto tradicional das modas. Era um feliz contraponto para os sons altíssimos da outra parte da festa - a do Peão de Boiadeiro - influenciada pela mídia televisiva do momento, mas canalizadora das atrações que agitavam o Parque Miguel Purcino Ferreira.

A história como principal vertente

Conhecer a história do município é fundamental para sabermos respeitar o solo pátrio e, desta forma, torná-lo produtivo por nossa vontade em utilizar os talentos concedidos pela Providência divina e a hereditariedade dos entes queridos. Conhecer é amar. Somente amamos o que conhecemos.

A fotografia como fonte de informação

Muitas fotografias documentaram o evento do dia 10 de julho. As pessoas gostam de registrar e datar, e é importante que essa documentação imagética exista

como estímulo para a continuação.

A fotografia congela a imagem e dinamiza o momento; registra o tempo, passando e já transformando o próprio fluxo dos fatos. É o resgate no conteúdo da evidência do tempo como memória. É por isso que a história vivifica as ações humanas e delas tira sua matéria essencial. Saibamos, então, preservar nossa memória por atos como esses dos eventos da 18ª Festa dos Tropeiros. E não nos esqueçamos de que toda a natureza é bela e de que através de sua ordem e ritmo conhecemos a verdade de suas leis. Esta é a primeira lição que os tropeiros, os carreeiros e seus animais nos ensinam. Desta forma, sentir o ritmo, perceber a ordem sagrada em nossas vidas é ver beleza, quer em um grão de areia, quer numa montanha soberba, quer numa aparência das mais desafiantes.

Um pretoito de reconhecimento

Ao Sr. Ademir, os nossos agradecimentos e nossas homenagens, que pela origem tropeira é herdeiro dos que abriram e balizaram caminhos em movimentos contínuos, corajosos e denodados, e dos que plantaram roteiros nos luars e soalheiras.

Em cerimônia singela, uma premiação aos participantes coroou a passeata, que contou com a afluência de tropeiros e tropas da região e do município. Cultivemos a memória desses participantes que provaram estar viva a sabedoria legada pela experiência dos seres e da natureza, no cristalino das águas, nos precipícios perigosos, nas encostas íngremes e nas lamas escorregadias e atoladoras. A haste dos ponteios dos condutores, alinhando os animais, prova-nos a liderança nos aboios e nas vozes de comando. Todos são exemplos de vidas plenas.

As pedras, as montanhas e as árvores muito velhas dão-nos o atestado perene dessa história.

Valorizemos, portanto, nossas tradições tropeiras.

Dela aprendemos a lição preciosa do valor da unidade, como força, e da cordialidade e respeito, como valores imutáveis.

Dóli de Castro Ferreira

Tropa descendo a Rua Cel. Luiz Relvas, em direção à Praça da Bandeira. Desfile do dia 10-07-99.



Foto arquivo Pro-Memória



Foto arquivo Pro-Memória

Sede da “Fazenda São Francisco”, em São Francisco dos Campos do Jordão

O alpendre da casa de meu avô

Lá voltei, ao Vale, o nosso paraíso perdido, encravado nas reenâncias da Serra da Mantiqueira, muitos anos depois da debandada dos membros da família, tangidos pelas forças do Destino daquela sua paradisíaca morada serrana onde os meus avós construíram o seu ninho de amor, criaram prole numerosa e recebiam com extremo carinho os netos que lá se juntavam no período das férias escolares, desfrutando a enormidade de espaço e a variedade de atrações naturais do amplo território da Fazenda. Pobre da vovó (houvesse paciência, e muita!) para suportar, além da trabalhadeira com os numerosos hóspedes, filhos e netos, aquele vaivém contínuo da molecada irrequieta a lhe sujar o assoalho com os pés enlameados, mortificando-lhe o espírito de pessoa ordeira, caprichosa, que gostava de manter a casa impecavelmente em ordem.

Venturosa infância, despreocupada adolescência desfrutamos naquele cenário de rara beleza natural, naquele ambiente de protetora harmonia doméstica! Sobravam-nos espaços, campos a percorrer, morros a escalar, águas fartas, cristalinas, para nos refrescarmos e nos divertimos. O céu limpo de nuvens, de um azul transparente a nos abençoar. Plena liberdade de locomoção, livres de toda a vigilância doméstica, não nos restringia as aventuras um “não” inoportuno dos pais. Só reentrávamos em casa para comer e dormir.

A casa, vovô a construiu, em 1917, quando jovem ainda, recém-casado; assumiu a pesada responsabilidade de administrar a fazenda que leva o nome de seu santo padroeiro - São Francisco dos Campos, localizada em zona rural do município sul-mineiro de Delfim Moreira. Erigiu-a ao meio de uma encosta de morro. Construção térrea, mas aparenta ser assobradada por causa da declividade do terreno. Singulariza a fachada a escada, bastante inclinada, que tem como patamar natural o ALPENDRE, comprido, estendendo-se por toda a área dela.

O ALPENDRE era o nosso recanto favorito, o verdadeiro coração da moradia, onde o movimento de pessoas era incessante. Guarnecia-o um banco de madeira de tábuas irregulares, longo, o nosso tolerante confidente de todas as horas. Dia e noite, nele nos concentrávamos. Nele batíamos longos e descontraídos papos, trocávamos confidências, armávamos as nossas brincadeiras. Na noite de São João, erguia-se enorme fogueira bem no centro do mangueiro, por vezes fincavam um pau de sebo. Vovô distribuía, liberalmente, bombinhas e traques aos netos, assava-se no borralho da fogueira batata doce e pinhão.

A última vez que o contemplei, estava lá ele meio capenga, a casa em ruínas com o abandono a que foi lançada, com a retirada definitiva de seus verdadeiros proprietários. Lá estava com a mesma cor acinzentada com a qual atravessou anos e anos a fio, servindo

de observatório privilegiado para a nossa vista, com a panorâmica visão do Vale, e de janela para os sonhos da vida.

Foi assim que me deparei com o sustentáculo afetivo da nossa infância. Nele, toda uma geração de avós, tios, netos filosofavam, transmitiam sabedoria, remoíam reminiscências, criando uma atmosfera de amor e segurança. Naquele estreito terraço de madeira desgastada, as esperanças eram renovadas quando os tios apontavam a presença de cada bezerro novo que se achegava ao enorme coxo, ávido por lamber sal.

Na varandinha, a ordenha ao pé das vacas, com os copos de leite espumante nas mãos, os primos mediam o volume de espuma, competindo por tê-la mais alta em seu copo que nos dos outros.

Após forte chuva, o cheiro forte das maçãs do pomar, nos fundos da casa, invadia o terraço. Corríamos para lá, onde disputávamos as mais graúdas e cheirosas, pouco nos importando com aquelas bicadas pelos famintos pardais.

Divertimento disputado era escorregarmos pelas pilastras de ferro que lhe sustentavam a armação de madeira. No paiol onde se guardava o milho colhido, divertíamos-nos a valer, saltando sobre os montes de palha seca, sentindo-nos livres para tais estripulias que se prolongavam horas a fio, até que garganta e cabelos ficassem ressequidos com a poeira que nos transformava em autênticos espantalhos.

Daquele ponto tão privilegiado, contemplávamos o pôr-do-sol tal como uma abóbora vermelha por detrás dos picos dos morros. A imagem desse crepúsculo colorido está gravada em nossa mente para sempre.

Nele, vovó, na calma das tardes, aproveitava o tempo livre dos afazeres domésticos, para terminar as suas costuras. Nele, ela reunia os netos para repassar histórias de sua vida que nos enriqueceram o espírito. Foi assim que começamos a enxergar o mundo.

Por ele as pessoas entravam na casa e dela saíam, carregando os seus universos interiores. Era ele a nossa rota segura, o nosso portal maior por onde, despreocupados, passávamos no início e no final de cada dia. A vista magnífica que se descortina à sua frente, mergulhar nesta composição tão harmoniosa da natureza foi um privilégio com o qual o Destino nos presenteou.

Hoje, na maturidade, busco refúgio, imaginando-me a entrar no ALPENDRE da casa do meu avô.

Sento-me no banco antigo, sacio as lembranças de uma felicidade perfeita. Aquele cômodo da casa, o ALPENDRE, centro de nossa vida coletiva, continua sendo o portal das nossas vidas. **Maria Carmem Medice**

Artista

Artista de mil facetas na alegre cara tingida, o palhaço, entre caretas, mostra alegria fingida.

Élbea Priscila S. e Silva

Dúvida

Dúvida é um fato marcante nos caminhos que eu trilho só há certeza constante no amor da mãe pelo filho.

Élbea Priscila S. e Silva

Guerreiro

Frases ao fim da jornada, louros na frente a brilhar, guerreiro, descansa a espada, é tua hora de sonhar...

Élbea Priscila S. e Silva

COLUNA DO CHICO MÁXIMO

Nas trilhas do folclore

Agosto é o mês do folclore. Isto mexe com minhas lembranças e me leva ao encontro dos amigos de infância. Muitos tinham apelidos bem pitorescos: Dito Picapau, Comida de Onça, Pé Vermelho, Jaú, Zé Turco, Jorge Lingüiça...

Ainda ouço as vozes de antigamente:

*“Zé Prequeté,
tira bicho do pé
pra tomar com café!”*

Era assim que os meninos se dirigiam ao meu irmão José Armando. No início ele ficava abespinhado, mas depois foi se acostumando e achava graça.

Quando me viam, gritavam em uníssono:

*“Chico Chiquinho
montou no burrinho,
o burrinho peidou,
o Chiquinho cheirou.”*

No início eu também me irritava, mas depois fui me acostumando. Eles não faziam por maldade – eram manifestações espontâneas de alegria e vitalidade.

Após os versos maliciosos e irreverentes vinham as brincadeiras de rua: a bolinha de gude, o pinhão coroado de grãos-de-milho, o pião de brejaúva, as pipas coloridas no deslizar da brisa. Na Praça Marechal Mallet havia as peladas com bola de meias, todos descalços, chutes à revelia, um emaranhado de pernas, topadas e caneladas. Gritos e reclamações, xingos e palavrões. No final, tudo bem – o suor, a sede e a água refrescante, a paz e a amizade.

Alguns preferiam andar de pernas de pau, ziguezagueantes, pretensos equilibristas de um sonho que se mancharia de poeira. Outros caminhavam sobre duas latinhas cilíndricas perfuradas de cordéis – semelhavam seres estranhos com pés exóticos e híbridos.

Tudo acontecia num cenário de sossego e silêncio, este alfinetado, vez ou outra, pelo apito do trenzinho dos operários, o canto das siriemas no verdolengo dos campos, as cantigas dos

carros-de-boi na estrada do Itabaquara... Buzinas de carros não havia. Lembro-me apenas do carro do Tio Acau, esposo de Dona Djanira Leite Dionísio. Era o único carro existente em Piquete. Era o Tio Acau quem nos levava a Aparecida para batizados, casamentos ou pagamento de promessas.

À noite, enquanto as meninas, sob o olhar vigilante das mães, brincavam de roda, maré, peteca ou chicotinho queimado, os meninos entregavam-se a atividades violentas como pular sela, botija ou cabo de guerra. Era também costume reunirem-se à volta de uma fogueirinha, para contar histórias de terror, que provocavam calafrios: preferência por lobisomens que apareciam nas sextas-feiras de lua cheia, alimentavam-se de titica de galinha, profanavam túmulos e espreitavam casas em busca de crianças não batizadas. Para desencantá-los, só a foiçadas ou machadadas. Todos tinham medo, mas deliciavam-se com essas narrativas.

Havia também os contos pitorescos recheados das travessuras do Pedro Malasartes. Embora repetidos, tinham o sabor da novidade. Famosa a história em que o danado do Pedro resolvera defecar na estrada e cobrira tudo com seu chapéu de palha. A um menino que passava disse que sob o chapéu estava um belo passarinho colorido. Confiou-o à guarda do garoto, pois precisava ir até a cidade a fim de comprar uma gaiola. As horas passaram e nada do Pedro Malasartes voltar. Cansado de esperar, o menino resolveu pegar a ave. Levantou rapidamente o chapéu e -zás-trás- encheu a mão com o falso passarinho. Todos imitavam o pobre menino, com gargalhadas, e aplaudiam a proeza do lendário herói das malandragens.

Noite avançada, meninas e meninos se recolhiam, e as brincadeiras continuavam nas ruas do sono.

Era um tempo de muita paz e simplicidade.

Crônicas Pitorescas

Roda Mundo...

Palmyro Masiero

Gáucho de nascimento, filho de um ex-diretor da Fábrica, o comerciante e político José Edmundo Cidade Pfeil, aqui estabelecido, talvez por um certo bairrismo não se mostrou favorável aos revolucionários paulistas de 1932.

Sofreu sérias represálias tendo, muitas vezes, sua loja roubada ou mesmo apedrejada. Tudo à noite. Sabia, mas não demonstrava que seus desafetos eram os próprios moradores do local. Como proveitoso era poupar estes de qualquer culpa - afinal, previa, a revolução não seria eterna e os habitantes da cidade aqui permaneceriam -, a cada ato de vandalismo contra seu estabelecimento ele reclamava aos oficiais revolucionários, lançando a culpa sobre os soldados constitucionalistas ali estacionados.

Quanto ao término da revolução tinha ele razão: durou apenas três meses. Aos poucos a vida reajustou-se na cidade e logo a maioria da população nem se lembrava mais de que ele fora do “contra”.

No âmbito nacional, em 1933 houve a convocação de uma Assembléia Constituinte e no ano seguinte foi promulgada uma nova Constituição Brasileira, com eleições marcadas para 1935 - prefeitos, vereadores e governadores - e 1937 - para Presidente da República. Após a Revolução de 1932, Armando de Sales Oliveira foi o primeiro cidadão civil e paulista a assumir o governo estadual. Inicialmente, exercendo o cargo como seu 7º interventor - de 21-8-1933 a 11-5-1935 -, e, em seguida, como 1º Governador do período constitucional, até sua renúncia em 28 de dezembro de 1936, para disputar a presidência da República no ano seguinte. Aí, o velho GG deu o golpe: surgiu o Estado Novo, etc, etc, etc...

Como Governador, Armando de Sales Oliveira indicou para prefeito de Piquete o Sr. José Edmundo Cidade Pfeil. Chegamos à pororoca. Entre outras coisas de sua gestão, a Prefeitura de Piquete colaborou “para a ereção do monumento e mausoléu ao Soldado Constitucionalista de 32, iniciativa esta destinada a perpetuar a gloriosa memória dos soldados que em 1932 se bateram por São Paulo e pela Lei”, com a quantia de “350\$000”.

Por imposição ou reconhecimento, o opositor de 32 vinha a colaborar para a “imortalidade” daqueles heróis...

...RODA GIGANTE, RODA MOINHO, RODA PIÃO...

A Fundação Christiano Rosa saúda a comunidade Metodista de Piquete no 70º aniversário de sua fundação, a ser comemorado no dia 29 de agosto do corrente ano.



Foto arquivo Pro-Memória



Apresentação de Folia de Reis de Piquete

Raiva, desgosto e folclore

“Agosto, mês de cachorro louco.”

“Agosto, mês de desgosto.”

O mais longo do ano, de acordo com a prevenção popular, o mês de agosto costuma trazer secas que se alastram por quase todo o Brasil e, atrás delas, as sinistras e desastrosas queimadas. As doenças respiratórias, por estes e outros fatores, campeiam sufocantes. Sofrem os homens, sofrem os animais: nesta época, registra-se a maior incidência de casos de raiva canina. Talvez, por isso, o povo, em sua prática intuitiva, haja assim alcunhado este período de trinta e um dias: é sinal de alerta no calendário da experiência popular.

Não por estes motivos, mas registre-se a coincidência, agosto é o mês do folclore: a convenção das datas homenageia uma sabedoria que esparge, pelo veículo das tradições, técnica, conhecimento e arte. Sabedoria não oficial, antiacadêmica, empírica. Sabedoria, porém.

De geração a geração, o saber folclórico percorre, sob a esguelha do olhar acadêmico, anônimos caminhos. E, quase sempre, anônimos são os fazedores desse saber. A alma popular, contudo, crendo-se sobejamente imperfeita, é generosa e não se importa. Sabe-se que a ciência é lenta por natureza e método, e que pensa natural, enquanto estuda e perquire, ridiculariza o que ainda não conhece.

A cátedra não prescinde do tempo para oficializar o que o comum dos homens há tempos já tem como certo. Em sua meticulosidade, a ciência quer os porquês; à alma popular, entretanto, basta saber que é, apenas. Desta forma, para aquela são necessários os códices e as tribunas; para o povo, suficiente se faz que um mais velho lhe mostre e lhe diga: é assim. E o será.

Conjunto das crenças, tradições artísticas e religiosas e costumes de um povo transmitidos oralmente, o folclore (do inglês, FOLK, povo, e LORE, conhecimento, sabedoria) é, no fundo, o resultado mítico da observação paciente dos fenômenos da natureza e dos fatos sociais a que chegou a mística inteligente do povo. É, de certa forma, uma ciência. Certo que, rústica, não se debruça sobre indagações, porque não as procura responder, mas apóia-se naquilo que a sua experiência e intuição, e mesmo a sua imaginação, lhe mostram como real e peremptório.

Longe, todavia, de conceituações complexas, folclore é coisa de toda hora: está

nas crendices e simpatias a que recorremos quando em apertos e apuros; nas orações milagrosas que mães ou avós nos enfiaram nos bolsos do coração, para os momentos difíceis; nos contos da carochinha que a criança nos solicita no momento de dormir. Comemos folclore na cozinha que nos retémpera as forças para o dia-a-dia e o bebemos acapirados no aperitivo do de vez em quando; admiramos o folclore no artesanato que nos ornamenta a casa e o utilizamos na palha do chapéu que nos furta o sol; empregamo-lo no comércio, diariamente, pechinchando ou “breganhando”, e o falamos a todo momento, adotando o sotaque e as expressões próprias da região em que nascemos. Eis o folclore em nossas festas e devoções, em nosso comportamento quando avistamos uma escada ou um redemoinho de vento na rua, em nossas predileções e costumes mais comezinhos. Eis o folclore no amigo nosso que, tal seu pai, esculpe e norteia a forma na madeira tosca; no piraquara conhecido que tece redes encharcadas de peixes e lembranças; no nosso vizinho que, com seus filhos, dança a congada e joga o jongo. São do folclore, enfim, as nossas mais puras recordações da meninice em antigos lugares, das brincadeiras singelas e dos cuidados recebidos, por vezes distantes no tempo e no espaço, mas não ausentes da memória da sensibilidade. Qual de nós não haurirá do doce arquivo dos carinhos da infância o verdolengo cheiro da hortelã que mãos suaves nos transfundiam, pelas madrugadas febris, em chazinhos de solícita quentura, remedinho santo para tantos e tão saudosos males?

Ciência em tudo o que já entendemos, nós somos folclores em muito do que fazemos e, sobretudo, naquilo para o que ainda não encontramos explicação. A ciência é o intelecto do homem compreendendo a grandeza da Vida e do Infinito. A sabedoria popular, no entanto, é nascida no coração: é Deus revelando ao sentimento dos simples aquilo que a nossa pobre inteligência não pôde ainda compreender. Talvez que por isso, não contra a ciência louvável, mas a favor dos humildes, assevere o folclore: “A voz do povo é a voz de Deus”.

“Mês de cachorro louco e de desgosto”, agosto é o mês do folclore. O mês que parece um ano, o da sabedoria popular.

Sérgio L. Maduro

Da calça curta à máquina

Tudo tem seu tempo, época e vez. Após a guerra, reconstrução das cidades bombardeadas da Europa, Ásia e norte da África. Explosão industrial.

Criança um dia fica grande.

Papagaio: eram quadrados, voavam muito alto, com linha resistente nº 24, soltos e recolhidos por carretilhas. **Bolinhas de gude:** jogava-se: roda, tiloca, paredinha e matança. Nos bolsos das calças curtas da criança, as bolinhas coloridas eram separadas por tamanho e na corrida, elas tilintavam. **Bola de meia:** uma meia de mulher, tipo trafil, bastante jornal amassado feito bola, vira pra cá, vira pra lá, costura-se e pronto. 15 moleques de cada lado, estava definido o racha. **Queimada:** com uma bola de preferência média e macia, um tanto de pessoas pra cada lado de uma linha divisória, no par ou ímpar, iniciava-se a brincadeira. A bola era atirada no corpo do antagonista, vencia o lado em que restasse um competidor. **Jogo de botão:** 11 botões comuns de cada lado, uma catuca, bolinha de madeira, goleiro de caixa de fósforos com pedra dentro, sob um gol improvisado. O campo, uma varanda de azulejos encerrada. Os jogadores: Orlando Siriri, Toto, Macaé, Tandão, Salvador e outros. **Jogo de pinhão:** patiquira e feiticeiro. Patiquira era o menor pinhão e o feiticeiro, o maior e enfeitado com colar de grãos de milho. A brincadeira consistia em uma tiloca encostada numa parede e com distância de uns 3 cm. Aquele que atirasse o pinhão e acertasse na tiloca, ganharia os pinhões que estivessem ao redor. **Piões:** piões coloridos de lata e madeira, incluindo os artesanais assobiadores, de brejaúva. **Brinquedos e brincadeiras improvisados:** aviões de papel, cavalinhos de pau, petecas de casca de milho, malha, passa anel, carrinhos, caminhões, breque, bafo, bete, estilingue, chicotinho queimado, estrear nova sela, pula corda e maré. Isso tudo fazia parte de um mundo fantástico de brinquedos e brincadeiras. Simples diversões que necessitavam, com raras exceções, mais de uma criança para praticá-los, tudo às vezes, debaixo de sol escaldante.

Construções suntuosas: TV a cabo, telefonia celular, video game, karaokê, videogame, computador, Internet, disco laser e outros eletrônicos. As diversões são isoladas: num quarto ermo a criança sozinha e a máquina conversam. A máquina participa, pergunta, edita, exhibe, insere, formata, impõe, reproduz, ganha, sorri e fala. Com voz maquiavélica, debochada e trocista, diz: GAME OVER. A criança aborrecida, desolada, aperta a chave: DESLIGAR.

Que pena! THE END.

Edival da Silva Castro

Exposição “Troeirismo e Tradição”

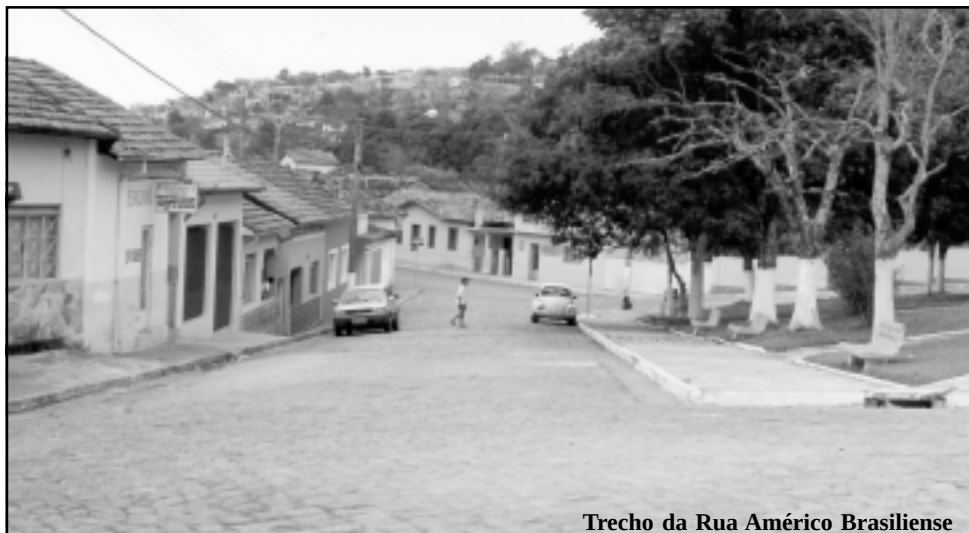
**Espaço Cultural
“Célia Ap. Rosa”**

21-08-99 à 29-08-99

09h00 às 12h00

14h30 às 19h00

REDESCUBRA SUA CIDADE



Trecho da Rua Américo Brasiliense

Foto Alzira Beckmann

RUA AMÉRICO BRASILIENSE

Inicialmente, de acordo com a Indicação de 1º de dezembro de 1892, a “rua principal desta Villa” foi denominada Dr. Américo Brasiliense. Esta rua era a velha estrada para Itajubá, na qual originou-se povoado. Pelo Decreto nº 10, de 1933, foi diminuída a sua extensão, ficando como Américo Brasiliense apenas do cruzamento da rua José Salomão (esta subia contornando o antigo morro da Miquelina) até a rua de São Miguel. Nos dias atuais, vai da rua Maj. Carlos Ribeiro até a rua São Miguel.

Américo Brasiliense de Almeida Melo, lente da Faculdade de Direito de São Paulo, histórico republicano, foi o 3º Governador e 1º Presidente de São Paulo. Maçom, fundou a Loja América, onde fez a propaganda abolicionista. Foi deputado provincial e

geral, fazendo parte da comissão encarregada de elaborar o projeto da Constituição de 1891. Nesse mesmo ano foi nomeado 3º Governador de São Paulo. Por ter demonstrado solidariedade ao Presidente Deodoro da Fonseca, com a subida de Floriano Peixoto ao poder, ele caiu. Mesmo assim, foi nomeado, em 1894, Ministro do Supremo Tribunal Federal, por Floriano. Américo Brasiliense promulgou a primeira Constituição do Estado de São Paulo. Faleceu em 1896.

Américo Brasiliense, amigo do Ten. José Mariano Ribeiro da Silva, foi quem, em 17 de maio de 1891, através do Decreto nº 166, elevou à categoria de Vila (emancipando-a politicamente de Lorena) a Freguesia de São Miguel do Piquete.

Notas da Cidade

□ A Associação de Judô de Piquete (AJP) classificou-se, dentre 17 cidades, em 3º lugar, nos Jogos Regionais 1999, realizados em Taubaté. Com isso, conseguiu vaga para os Jogos Abertos do Interior, que serão realizados em setembro, na cidade de Araraquara. A última classificação de nossa cidade para os Jogos Abertos foi em 1997.

Este ano, a equipe, comandada pelo técnico Prof. João Carlos Arantes, era composta pelos atletas Luciano Vieira, Leandro Gonçalves, Antônio Carlos Ramos, Ricardo Arantes, André Uchoas, Marcos Vinícius, André Luiz, Ederson Abreu, Moracy Ferreira, Jeferson Santos e Manoel Junqueira.

Mais uma vez o judô de nossa cidade se destaca. Parabéns ao grupo, pela força, e muita sorte para o próximo campeonato.

□ Concorrido o I Sarau promovido pelo COMTUR, no Clube Recreativo Estrela, no dia 31-07-99. Na ocasião, ocorreu o lançamento do livro “Retalhos D’Alma - Temas de A a Z”, da piquetense Élbea Priscila Souza e Silva, vários números musicais e exposição de pinturas. Eventos como este estão acontecendo por todo o Vale do Paraíba e resgatam o saudável hábito de se apreciar a cultura.

□ A F.C.R. está promovendo entre as escolas de Piquete o “Prêmio Literário Fundação Christiano Rosa – 99”, com o objetivo de levar à discussão e ao debate temas importantes para a formação do cidadão, fomentar o gosto pela leitura, valorizar o trabalho escrito da comunidade e descobrir novos talentos. Procurem informações com a direção de sua escola ou com seus professores. Haverá premiação. Participe.

□ A F.C.R., em conjunto com alunos da Universidade de Taubaté, está realizando uma “Oficina de Jornalismo”, na qual os participantes recebem noções básicas para se redigir e editar um jornal. O público alvo são alunos de 8ª série e do 2º grau, de Piquete. A iniciativa está sendo bem recebida e conta com a presença, aos sábados, de um grupo de alunos interessados.

□ O grupo de Atividades Culturais Dandara e a New Arts Eventos e Promoções Artísticas estão recebendo inscrições para vários cursos de educação musical, artes plásticas, cênicas, expressão cultural, artesanato e literatura. Participe. Informações e matrículas: Praça João Pessoa, 130 - Vila Célia.

Água: reflexões e uso racional

Estamos no limiar de um novo milênio, em que um misto de esperanças e misticismo ganha dimensões universais. A humanidade, ansiosa e perplexa, assiste aos incríveis avanços científicos nos campos da medicina, informática, robótica, da conquista espacial e de novos produtos e materiais. Possivelmente, entraremos no novo milênio com um novo perfil de consumo e de comportamento social e religioso. Entretanto, aspectos básicos fundamentais à continuidade da vida no planeta Terra foram ou estão sendo colocados sob grave risco de redução ou extinção. Dentre esses, o item de maior relevância é a ÁGUA, uma vez que esse precioso líquido já está faltando em alguns países do mundo e poderá constituir-se em variável de graves conflitos entre as nações, nas primeiras décadas do novo milênio. Assim, se faz necessário divulgar de forma contínua e sistemática a necessidade do uso racional da água. Em muitos países, a legislação sobre o uso e destino da água está se tornando um poderoso instrumento de contenção do mau uso desse líquido de vital importância aos seres vivos.

No Brasil, devido ao seu enorme território recortado de rios, riachos e córregos, a água nem sempre foi usada de forma racional e a cultura do desperdício se faz presente em todas as comunidades. Mesmo nos grandes centros urbanos, o culto do desperdício se faz presente. Em nossa Piquete, onde dezenas de nascentes e olhos d’água são identificados, o desperdício de água nas residências, somado aos frequentes vazamentos nas redes de abastecimento, confere à cidade o título de “uma das maiores consumidoras de água per capita dentre os quase 600 municípios do Estado”. Dessa feita, tomamos a liberdade de invadir as residências públicas e privadas e fazer algumas recomendações quanto ao uso racional da água. Entre elas, citamos:

- sanar todos os vazamentos em lavatórios, tanques, pias; se necessário, trocar as torneiras e os registros;
- ao escovar os dentes, manter a torneira fechada; o mesmo é recomendado ao barbear-se ou ao depilar-se;
- incentivar escolas, prédios públicos e comerciais e indústrias a instalar torneiras temporizadas nos banheiros e lavatórios;
- priorizar nos banheiros o uso de caixas de descarga, em detrimento das válvulas tipo hydra;
- a água das máquinas de lavar e dos tanquinhos pode ser usada para lavar quintais e calçadas;
- ao lavar carros, manter as torneiras fechadas quando da aplicação de sabão, querosene ou produto de limpeza;
- minimizar o uso de mangueiras e escolher as de menor diâmetro.

Com essas medidas estaremos dando um grande passo no sentido de sermos cidadãos conscientes e participativos. Além do mais, estaremos não só afastando de nossa Piquete o indecoroso título de “Cidade do desperdício de água”, como dando um belo exemplo de cidadania ao país.

Portanto, cidadão piquetense, a sua ação individual quanto ao uso racional da água refletirá no bem coletivo, em favor da cidadania e do progresso de sua cidade.

Celso Colombo